



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: ANÁLISE SEMIÓTICA APLICADA À ARQUITETURA

THOMÉ, Luana Thaísa Port.¹
OLDONI, Sirlei Maria.²

RESUMO

O presente trabalho está inserido na linha de pesquisa Arquitetura e Urbanismo. O tema é a análise semiótica aplicada aos elementos simbólicos da história da arquitetura. Através da pesquisa teórica, surge a seguinte pergunta: qual a simbologia dos elementos arquitetônicos materializados em diferentes períodos (arquitetura indígena brasileira, maia e asteca, romana, gótica, alemã, islâmica e a arquitetura do arquiteto Antoni Gaudí.) da história? Como hipótese acredita-se que nos períodos históricos houve uma multiplicidade de diferentes simbologias, ligadas as questões culturais e religiosas. Objetivou-se analisar os elementos arquitetônicos ao longo da história da arquitetura e compreender a suas simbologias. O estudo foi feito através de pesquisas bibliográficas e documentais.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica, Signos, Arquitetura.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo está vinculado com o Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG e segue a linha de pesquisa AU – Arquitetura e Urbanismo no grupo TAR – teoria da arquitetura. O tema permeia sobre a análise semiótica aplicada aos elementos simbólicos da história da arquitetura.

Este trabalho faz um resgate bibliográfico dos elementos da história da arquitetura, e servirá de base para posterior análise e relação das simbologias dos elementos da história da arquitetura com os elementos arquitetônicos da Casa Gasa³.

A problemática que envolve este estudo tem o seguinte questionamento: qual a simbologia dos elementos arquitetônicos materializados em diferentes períodos (arquitetura indígena brasileira, maia e asteca, romana, gótica, alemã, islâmica e a arquitetura do arquiteto Antoni Gaudí.) da história? A hipótese inicial parte do pressuposto de que nos períodos históricos houve uma multiplicidade de diferentes simbologias, ligadas as questões culturais e religiosas.

¹Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. E-mail: luanaport99@gmail.com

² Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

³ A casa Gasa é uma residência construída pelo seu proprietário, Hans Gasa (Heribert Hans Joachim Gasa, nascido em Dambeitsch Kreis Neumarkt, Breslau, em 14 de março de 1920, imigrante alemão que residiu na cidade de Marechal Cândido Rondon até sua morte no ano de 2003), na década de 1960, na cidade de Marechal Cândido Rondon. Possui uma mistura de elementos de composição eclética (POLON, 2013, p. 47).



Para investigação da hipótese, propõe-se como objetivo geral: analisar os elementos arquitetônicos ao longo da história da arquitetura e compreender a suas simbologias, buscando através dos objetivos específicos: I) conceituar a semiótica; II) apresentar períodos da história da arquitetura; III) interpretar simbolicamente os elementos arquitetônicos da história; IV) fazer o cruzamento de informações e compreender suas simbologias V) comprovar ou refutar a hipótese inicial.

O marco teórico escolhido para esse estudo é uma citação do livro “Complexidade e Contradição em Arquitetura⁴” de Robert Venturi onde ele afirma que "não tem maneira de separar a forma do significado, uma coisa não existe sem a outra." (VENTURI, 1995, p. XXIX)

O trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente apresenta-se os processos de como funcionam a semiótica em um processo de análise; posteriormente retrata como a arquitetura é um meio de linguagem e expressão; em seguida são abordados os períodos históricos arquitetônicos abordando de forma concisa as principais características de cada período; após isso a apresentação da metodologia; seguido da a apresentação de um quadro abordando a síntese dos estilos e, por fim, as considerações finais desta pesquisa.

2. SEMIÓTICA

A semiótica já estava presente desde os tempos pré-socráticos, de Platão, Aristóteles e muitos outros filósofos famosos, fazendo parte de discussões do campo filosófico. Ela ganha maior repercussão pelas teorias de Ferdinand de Saussure⁵, que a disseminou no campo da linguística como parte da interpretação psicossocial, e com Charles Sanders Peirce⁶ que desenvolveu, dentre todas, a teoria mais famosa, conhecida como a teoria geral dos signos (RODRIGUES, 2017).

A semiótica compreende os processos de significados dos signos, o qual é denominado de semiose. Entende-se que os processos de linguagem têm duas vertentes de estudo que visam a comunicação e interação: a linguagem verbal e a não verbal. A primeira está relacionada com os níveis mais ordinários de comunicação e interação com as demais pessoas e o mundo a nossa volta,

⁴ VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes - Wmf, 1995. 232 p.

⁵ Linguista e filósofo suíço (1837-1913) (VOLLI, 2008, p. 13)

⁶ Cientista e filósofo americano (1839-1914) (SANTAELLA, 1983, p. 24)



como por exemplo, a fala. Já a segunda é a semiótica, a qual integra todo o universo que vai além da fala, contemplando os fenômenos que querem nos expressar/externar significados ou mensagens de diferentes formas e que são inerentes a nossa mente. Estes mesmos fenômenos, quando surgem no consciente de cada um, despertam os sentidos advindos de qualquer movimento podendo ele ser desde um ruído estomacal a uma brusca batida de porta (NOVAK e BRANDT, 2018).

Entendendo o que são os fenômenos e como se compreende o universo da observação, atribui-se, individualmente, o significado e assim, transforma-se em signo. O signo, ora, é uma coisa que representa outra coisa, e só funciona mediante representação de algo a alguém, não sendo a coisa ou objeto em si, produzindo na mente da pessoa determinada interpretação. Este primeiro produto do signo, no caso o seu significado, também é um signo, sendo uma tradução do inicial (SANTAELLA, 1983, p. 90-1).

Segundo Santaella (1983) seria “a partir dessa síntese que transformamos esses fenômenos em signos”. Em poucas palavras, o signo seria algo que em dado momento, condições ou modo significa algo para alguém. Olhando deste ponto de vista, tudo pode ser um signo: os pensamentos, a natureza, os sentimentos, até mesmo os humanos. O signo é tão geral que pode ser aplicado em quase todas as ciências (NOVAK e BRANDT, 2018).

Inicialmente é adequado compreender o signo como um sistema binário que compreende o significado⁷ e a significante⁸. São estes como as duas faces de uma folha de papel, como definido por Ferdinand de Saussure. A partir do momento em que se compreende estas duas unidades, não é possível pensar uma sem a outra. (VOLLI, 2000, p.32).

Para entender esta relação, é necessário assimilar o que cada um representa e qual sua posição dentro do processo de semiose⁹. O significado não é a referência, mas sim um produto de construção coletiva que pode variar conforme a condição cultural, religiosa, social, etc.: sendo assim, cada situação característica tem um sentido diferente. Descrito por Volli (2000, p. 33) “o significado, portanto, é o conjunto de todos os possíveis sentidos que aquele signo pode ter”. O significante, por outro lado, é o objeto ou a coisa em si, que representa. Um mesmo significante

⁷ Segundo o dicionário Aurélio (2010): significado *s. m.* sentido de uma palavra, termo, frase; sentido, conceito.

⁸ Segundo o dicionário Aurélio (2010): significante *adj.* que significa; significativo.

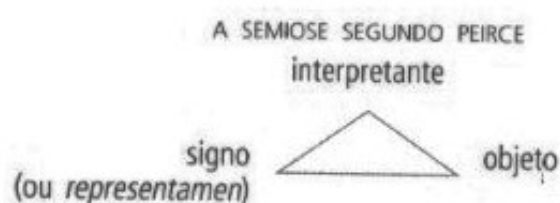
⁹ Segundo o dicionário Aurélio (2010): semiose *s.f.* processo de significação e de produção de significados.

pode ter vários significados diferentes, mudando conforme as circunstâncias do significado em questão. Em simples palavras, são variáveis.

Volli (2000, p. 35) ainda coloca que “o signo não é uma coisa, mas uma relação social e cultural”. Dessa forma são assim produtos que necessitam ser notados para que ganhem tais atribuições e é aí que se identifica essa relação sógnica não como binária, mas triádica (VOLLI, 2000, p.36). A relação triádica é composta pelos seguintes itens: o *representamen*¹⁰ ou o signo¹¹, o objeto e o interpretante e, juntos, formam a relação de semiose como na relação apresentada na figura a seguir (WANNER, 2010, p.38).

Fazendo a leitura da imagem abaixo, tem-se inicialmente o objeto em si: este será o objeto de estudo. Partindo-se dele o *representamen* ou o signo é a representação do determinado objeto. Em seguida, considera-se o interpretante a ponte entre o objeto a que o signo se refere, passando a ser um outro signo que o esclarece. De forma mais clara, é o interpretante que capta o vínculo. E, por fim, o objeto, que é a coisa material ou mental proveniente de uma ação ou pensamento (VOLLI, 2000, p.37).

Figura 01 – Relação triádica do signo



Fonte: Volli (2000, p. 36).

Sintetizando, o signo nada mais é que um produto de outro signo, onde na mente é feito o processo de interpretação e ressignificação do pensamento inicial e, assim, sucessivamente. É um emaranhado que está infinitamente conectado, algo que constantemente ganha um significado e posteriormente denota outro, e assim essa linhagem se perpetua (SANTAELLA, 1983).

1.1 ARQUITETURA E LINGUÍSTICA

¹⁰ Descrito por Vogt (1973) *representamen* é algo que, “na mente de determinada pessoa, representa algum objeto, não sendo o objeto em si e nem sendo atribuído todos seus aspectos, mais como uma espécie de referência e assim se denomina”

¹¹ Segundo o dicionário Aurélio (2021): signo *s.m.* Símbolo; sinal que indica ou expressa alguma coisa.



A linguagem está presente em todas as criações humanas, mesmo involuntariamente. Sabendo a que a linguagem é um meio de comunicação, conclui-se que é impossível não haver comunicação. Tudo que está em volta é composto por linguagem e comunica algo, transmite um significado. Os seres humanos são feitos de expressões e sentimentos, é de sua natureza querer se manifestar de alguma forma e encontrar inúmeras formas de externar essas maneiras, tais como: música, artes, leitura, teatro, cinema, fotografia, entre outras, e, certamente, a arquitetura.

As formas de expressão são inúmeras, como por exemplo na música, é através da partitura, as artes através de quadros, a leitura pelos textos, e assim por diante. Cada meio tem um estilo único de ser manifestado, de ser comunicado com o mundo, e conseqüentemente a arquitetura também.

A arquitetura também é um meio do ser humano expressar mensagens, mesmo que inicialmente não se pensava sobre isso, conscientemente. Também quer expressar algo, podendo ser de formas implícitas ou não, variando de acordo com seu estilo e demais fatores (espaço, tempo, contexto geográfico/histórico). São forma de expressão de linguagem muito singulares e que caracterizam uma cultura, um povo, determinados comportamentos, estruturas sociais e regem o comportamento de seus usuários. (MATOS *et al.*, 2010, p. 120).

A arquitetura é capaz de transmitir diversas mensagens, abrindo um campo para a discussão, infinitamente grande. Nela podem estar contidas críticas, inovações, sensações, prazeres, abrindo seu espaço para ser interpretada de fora na mente de cada observador, possibilitando ser colocada sob diferentes olhares e discussões simultaneamente (COLIN, 2007, p.113).

A linguagem usada para ser comunicada depende muito do ponto de vista em que se coloca o observador. Um profissional irá fazer a leitura dos conhecimentos técnicos, concepções projetuais, estruturas, implantação, orientação solar, pensando no melhor – em termos científicos – para a obra em questão. Um teórico irá compreender fatores históricos, sociais, posições políticas, poder financeiro, a fim de compreender a fundamentação e o porquê do resultado final da obra, quais os meios que a levaram a ser assim, o que influenciou o construtor a tomar tais decisões. Já o leigo faz a leitura mais crua de uma obra. Se der a ele fotos de um templo grego ele somente o entenderá como o templo grego, porém basta dar um pouco de conhecimento sobre colunas e capitéis que a interpretação muda, o observador leigo já a entende de outra forma (MATOS *et al.*, 2010, p. 120).



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



A linguagem inserida na arquitetura aborda a questão do conceito¹², este que é elaborado previamente à obra ou pode ser construído com o passar dos anos, sendo adaptado conforme a realidade em que se encontra. Com tais ponderações, pode-se definir que o conceito também é a linguagem usada na obra. Portanto, sua forma de expressão, utiliza-se diversos fatores para construir sua composição (BONFIM, 2021, p. 02).

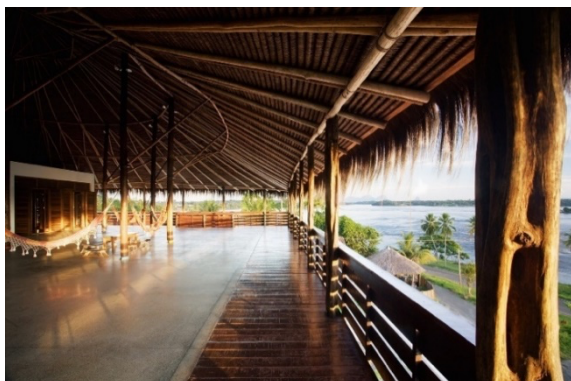
2 A SIMBOLOGIA NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA

Partindo do pressuposto de que a Casa Gasa supostamente apresenta alguns elementos semelhantes aos que aparecem na história da arquitetura como: arquitetura indígena brasileira, maia e asteca, romana, gótica, alemã, islâmica e a arquitetura do arquiteto Antoni Gaudí. Seguindo uma ordem cronológica deste resgate histórico apresenta-se linguagem e características e simbologia de cada um desses períodos históricos.

A arquitetura indígena era produzida conforme a disponibilidade de matéria para fabricação das peças e conjuntos arquitetônicos, bem como adequando a realidade local às necessidades da tribo (MOREIRA, 2019). Especificamente trata aqui da utilização do bambu como elemento decorativo, de vedação, estrutural, ainda podendo ser usado como espécie de corda por se tratar de um tronco fibroso. Possui inúmeras finalidades tendo uma diversa gama de espécies disponíveis, facilitando sua aplicação (MEIRELLES e OSSE, 2010, p. 06).

¹² Segundo o dicionário Aurélio (2010): conceito *s.m.* percepção que alguém possui sobre algo ou alguém; noção

Figura 02 – Instituto Socioambiental – ISA / Brasil Arquitetura

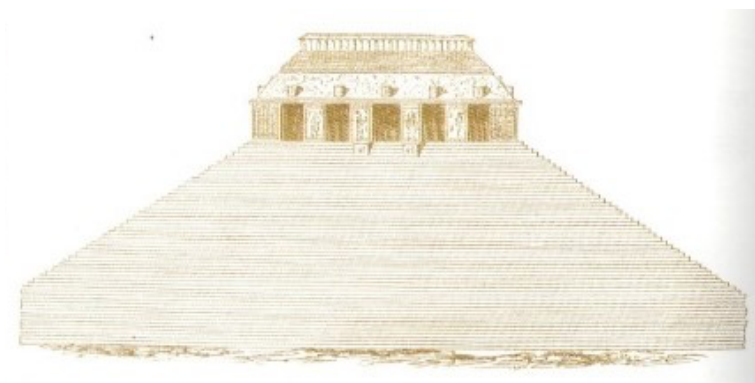


Fonte: Ducci (2006)

A arquitetura maia e asteca foca-se nos grandes templos e se destaca pelo apurado senso e noções de engenharia, matemática e escrita destas civilizações, dadas as suas condições e realidades. Os povos que lá chegaram foram vislumbrados pela paisagem pela qual não esperavam: cidades inteiras edificadas e socialmente organizadas (GLANCEY, 2007, p. 94).

Suas cidades eram completamente feitas com o uso da pedra, onde quase todas as suas edificações que eram usadas para fins religiosos utilizaram da arquitetura como meio de expressão de poder e influência. Destaque para seus templos que eram, em sua maioria, em formato piramidal e costumeiramente erguidos sobre outros templos já existentes, uma espécie de tradição. Geralmente com grandes escadarias e mais altos que os já existentes, para demonstrar poder e para estar “perto” de seus deuses, em especial o deus do sol (COLE, 2009, p.76).

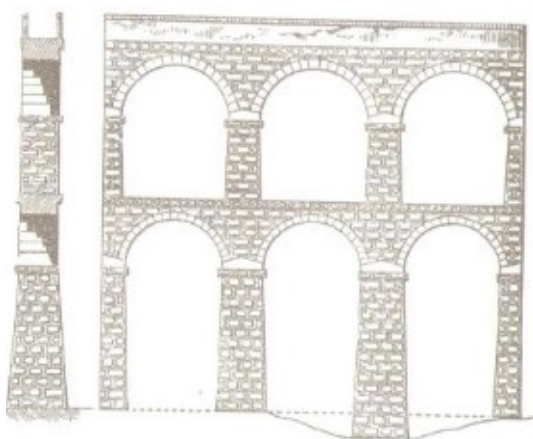
Figura 03 – Templo das Inscrições Palenque, 675 a.C.



Fonte: Cole (2009, p. 78).

Os romanos também ganham destaque pela sua arquitetura descomunal, uma das que mais marcam pelos seus feitos, criação de novas estruturas e sistemas, bem como o aperfeiçoamento de técnicas e aplicação de materiais. Apesar de serem muito semelhantes aos gregos, não tinham tanto apelo às questões estéticas, não dispunham da mesma quantidade de mármore, apesar de usarem algumas variações. Sua preocupação estava voltada às questões de engenharia, eficiência e praticidade: o entanto deixaram sua marca arquitetônica de uma forma muito exótica (GLANCEY, 2007, p. 30).

Figura 04 – Aqueduto, Segóvia, c. 10



Fonte: Cole (2009, p. 127)

Foram grandes engenheiros e planejadores, desenvolvendo sistemas de arcos para fazer a sustentação dos prédios, o que substituiu os pilares, até então muito usados pelos gregos. Dessa forma, possibilitam uma gama muito grande de aplicação, sendo uma delas de maior destaque, os aquedutos, que transportavam a água dos campos até as cidades (GLANCEY, 2007, p. 32). Não deixaram de aplicar esses elementos às suas composições, aplicando apenas no sentido decorativo e ainda acrescentaram mais duas ordens as colunas gregas já existentes: a compósita¹³ e a toscana. Além desses exemplos, muitos outros ocorreram, tais como: sistemas de esgoto, banhos públicos, vias que ligavam uma cidade à outras, pontes, prédios públicos, templos, entre outros (GLANCEY, 2007, p. 32).

¹³ União do capitel jônico com a ordem dórica, sendo regularmente mais usada (COLE, 2009, p. 133)

Figura 05 – A ordem toscana



Fonte: Cole (2009, p. 132)

Destacam-se também, por serem os primeiros a trabalharem o concreto, material que ocasiona uma plástica diferenciada das demais, por ser maleável a qualquer forma a ele submetido Cole (2009, p. 122). Retrata que “os primeiros edifícios republicanos eram de concreto de gesso misturado com um agregado de pedras pequenas rústicas, às vezes estruturados com tijolos”. Ademais, produziram tijolos cozidos que revestiam as paredes de concreto das construções (COLE, 2009, p. 126).

Figura 06 – Ordem compósita, Arco de Tito



Fonte: Cole (2009, p. 133)

Com o acentuado estudo sobre sistemas algébricos e desenvolvimento de novas técnicas, a arquitetura islâmica aparece como um reflexo dessas novas teorias e aplicabilidades. Assim como os romanos, este estilo adota formas mais plásticas. Está inserida no contexto medieval, trazendo quase que os mesmos sistemas construtivos, porém de uma forma totalmente diferente, transformando o conjunto em um oásis, onde o espaço interno e externo estivesse unido através das cores, elementos estruturais e decorativos (PEREIRA, 2009, p. 121).

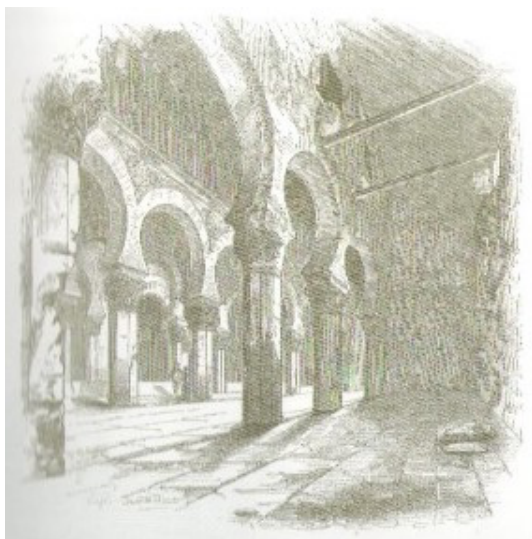
Figura 07 – Decoração moura nas paredes



Fonte: Cole (2009, p. 177).

Assim como as figuras dispostas no anexo desta pesquisa, se tratando de elementos decorativos, o islâmico ganha grande destaque, pois seu edifício apresenta figuras geométricas ou os grandes mosaicos, arcos ogivais e de ferradura, passagens caligráficas, símbolos culturais, entre outros, que são totalmente estilizados traduzindo esses espaços em verdadeiros locais de contemplação pela infinidade de riquezas (GLANCEY, 2007, p. 48).

Figura 08 – Arcos em ferradura, sinagoga de Toledo, século XIII



Fonte: Cole (2009, p. 175).

O estilo também vem a ser difundido na Europa, quando na Espanha se fixa um império independente e edifica a primeira mesquita islâmica em Córdoba. Acaba se tornando uma grande referência pelas suas características, instalando o então estilo mourisco e fazendo da mesquita de Córdoba um importante ponto de peregrinação e política para a comunidade árabe. Outro grande exemplo que se pode ressaltar é Alhambra em Granada. Sua composição arquitetônica é marcada pelo jogo dos espaços e da luz que destacam as arcadas e o destaque para a decoração, dois elementos que sempre estão muito presentes nesse estilo (COLE, 2009, p.174).

Figura 09 – Mesquita de Córdoba

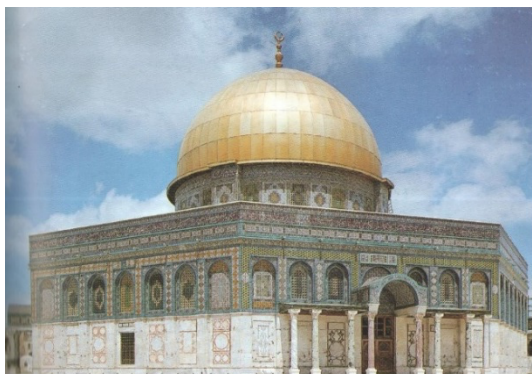


Fonte: Glancey (2007, p. 49).

Segundo a descrição de Cole (2009, p. 176) “A decoração de estuque entalhado e ladrilhos inclui desenhos florais e geométricos, bem como inscrições corânicas. O contraste entre as cores claras e as escuras cria a ilusão de ótica de diferentes planos, mostrando que nem toda arte islâmica trabalha apenas com duas dimensões”.

Difundiram sua cultura de uma forma surpreendente para uma época tão árdua para a Europa (sob o regime das religiões) e trouxeram uma arquitetura deveras sublime. Como um exemplo disso – entre muitos deixados por este povo – tem-se o monumento Domo da Rocha que apresenta uma série de padrões em cerâmica que revestem boa parte de seu exterior, compostos juntamente com mosaicos de vidro e mármore, coroados com uma cúpula dourada, trazendo um visual deslumbrante (GLANCEY, 2007, p. 47).

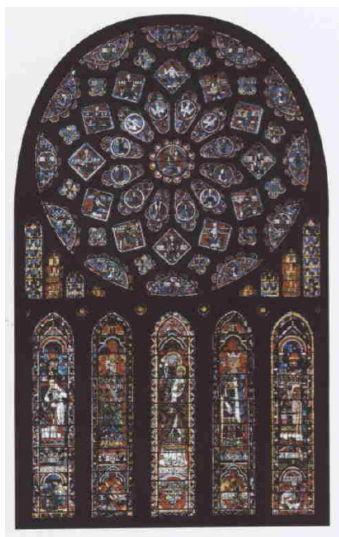
Figura 10 – Domo da Rocha, Jerusalém, 688-692 D.C.



Fonte: Glancey (2007, p. 47)

Tratando-se de cores, apesar de seu contexto, o gótico também tem muita propriedade ao apresentar as inovações construtivas e a aplicação dos vitrais. O emprego dos arcos ogivais permitiu as igrejas, então, se tornarem grandiosas catedrais, o que permitiu elevar a altura das cúpulas e fazer com que o peso da estrutura fosse descarregado de forma igual (FREITAS, 2013, p. 205). Tendo em vista a ilustração, esta verticalização permitiu que as paredes não precisassem mais fazer parte da estrutura, permitindo que fossem mais discretas e que as janelas, como fonte de iluminação, ganhassem uma nova essência do que somente iluminar e ventilar (COLE, 2009, p. 200).

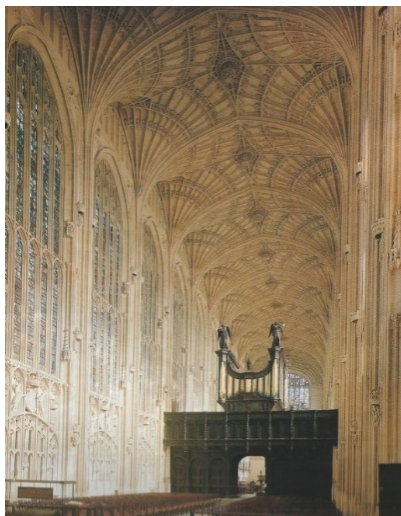
Figura 11 – Rosácea Norte, Catedral de Chartres, França,



Fonte: Glancey (2007, p. 54)

A igreja, diante do desconhecimento popular, viu nos vitrais a mesma função das missões jesuíticas: catequizar os fiéis através de imagens e passagens bíblicas expostas nesses murais decorativos, como na Capela do King's College. Tal oportunidade permite que o povo visualizasse os evangelhos na sua mente, fazendo-os carregarem inconscientemente em suas ideias, internalizando de forma fácil e lúdica para os fiéis sendo esta, para a igreja, uma grande estratégia (FREITAS, 2013, p. 206).

Figura 12 – Capela do King's College, Cambridge, Inglaterra, 1446-1515



Fonte: Glancey (2007, p. 64)



Sendo assim, tudo dentro da catedral gótica foi capaz de ser estilizado e isso fez com que rapidamente o gótico ganhasse estilo próprio e caísse nas graças de seus adoradores, o que possibilitou que esses espaços fossem os mais requintados. Pelo sentimento da igreja e dos arquitetos em deixar uma magnitude em proporções colossais, sua forma escultural também permitiu que sempre fosse evidente no olhar dos observadores diante do restante, concebendo a ideia de que estes edifícios sempre estivessem próximos dos céus (FREITAS, 2013, p. 208).

Assim como no sistema estrutural do arco ogival na descarga uniforme de peso, o emprego do enxaimel também tem propriedades similares, onde basicamente esta estrutura está conectada entre si, como uma espécie de treliça, segurando o material usado para a parede, podendo-ter vários significados e representações conforme seu recorte histórico. Observam-se aqui as atribuições culturais deste pelas cidades que foram povoadas por imigrantes alemães, os quais os aplicam como forma de caracterização, principalmente na região sul do Brasil, que se encontra em profusão. Sua aplicabilidade, neste caso, vem de um forte sentimento as raízes imigratórias e de colonização (WITTMANN, 2016).

Antoni Gaudí tinha um estilo um tanto quanto peculiar e que sem dúvida é um dos estilos que mais se destacam e que tem grande riqueza de detalhes e técnicas. Sendo grande conhecedor de estruturas, não se limitava a elas para transformar ideias em obras. Passou por certa dificuldade, pois produz em um período de final século em que o uso de estilos clássicos já estava em decadência. Sendo assim, busca outras fontes de inspiração para compor suas obras, tendo como resultado um estilo único, não se enquadrando em nenhum estilo proposto anteriormente, de forma ímpar. Acreditava que a arquitetura não tinha uma forma a ser seguida e assim buscou fonte de inspiração nas formas da natureza (STOTT, 2020).

Suas obras que mais ganham destaque são: Parque Güell (1900-14), Casa Batlló (1904-06) e a Casa Milá (1905-10). As três obras evidenciam as técnicas e uso dos materiais de formas inusitadas bem como sua plástica: esta que mais se acentua em toda a composição, tendo a sensação de estarem em movimento (GLANCEY, 2007, p. 169).

O Parque Güell, localizado na cidade de Barcelona, é uma das obras que Gaudí fez a pedido do conde Eusebi Güell¹⁴, que nesta ocasião foi feito para ser um parque para a alta sociedade,

¹⁴ Importante membro da sociedade espanhola no início do século XX e apreciador da arte e cultura. Contratou Gaudí para uma série de obras para a família Güell (BALENA, 2012).

transformando-o no que hoje é identificado pelos condomínios fechados. orém, apenas duas residências foram construídas e, com o passar dos anos acabou virando uma praça pública e um ponto turístico que fica aberto para a população visitá-lo (NAJA, 2016).

Figura 13 – Parque Güell



Fonte: LUDWIG (2016)

O principal ponto é o local é o terraço do que era para ser um grande salão. Este espaço possui sua frente toda aberta e é sustentado por grandes pilares dóricos e seu teto é contemplado com um terraço trabalhado com restos de cerâmicas, louças e ladrilhos que compõe um parapeito com bancos, vista esta que contempla o parque (GLANCEY, 2007, p. 168).

Figura 14 – Terraço Parque Güell



Fonte: OLDONI (2017)

Com uma fachada exuberante, a Casa Milá apresenta uma aparência peculiar, parecendo emergir do próprio solo com formas e plástica excêntricas. A casa está dividida em diversos níveis e ainda conta com dois jardins internos, dispendo-a em formato de oito. O mais curioso desta é de que sua fachada, apesar de apresentar diversos elementos estruturais, não tem função nenhuma a não ser a plástica: compõe totalmente como elemento formal, de maneira contraditória (MOLOY, 2016). A composição formal de sua fachada é tão diferente das demais, que é impossível encontrar linhas retas nesta arquitetura tão singular, tão excêntrica, que se os olhares focarem com atenção, podem ser interpretar e comparar sua “pele” com a pele de um elefante (GLANCEY, 2007, p. 168)

Milá, assim como o Parque Güell, é contemplada com um terraço com diversas esculturas abstratas que compõe de forma harmônica todo o conjunto da plástica da casa e reforça o quanto Gaudí se inspirava nas formas da natureza para compor suas ideias (MOLOY, 2016)

Figura 15 – Fachada Casa Milá



Fonte: OLDONI (2017)

Posto isso, é com previsibilidade que a Casa Batlló não se afastaria dessa proposta inusitada que Gaudí traz em seu estilo, que assim como a anterior mencionada, que se parece com a pele de um elefante, está mais parece com ossos e escamas de répteis, dispostos igualmente como um véu na fachada (GLANCEY, 2007, p. 168). A composição formal deste edifício se dá pelo uso de pequenos cacos de cerâmica, ladrilhos e cacos de vidro, devidamente selecionados que fazem a composição de cores – elemento onipresente nas suas obras – que conversa com a poética e o drama que a casa transmite (FRACALOSS, 2012).

Figura 16 – Fachada Casa Batlló



Fonte: OLDONI (2017)

À vista disso, é evidente que há uma característica muito singular na técnica de Gaudí: o uso dos restos cerâmicos para compor suas obras. Essa técnica é denominada *trencadís*¹⁵ e está baseada no princípio de compor painéis ou mosaicos a partir de pedaços de cerâmica, vidro ou qualquer outro tipo de material com propriedades semelhantes. Existem rumores de que o arquiteto solicitava a seus operários para que coletassem restos desses materiais pelas ruas para que fossem aplicados em suas obras (BALENA, 2012, p. 12).

Gaudí deu ao modernismo catalão uma nova perspectiva através da aplicação dos *trencadís* em obras tão sofisticadas com uma plástica tão distinta das demais vistas. Apresentou ao mercado a possibilidade de reciclagem de materiais possibilitando novos usos para compor fachadas e interiores, quebrando o paradigma modernista de materiais de alto padrão, compondo uma nova estética, funcionalidade e até mesmo fantasias para suas obras (BALENA, 2012, p. 12).

¹⁵ Segundo a autora Balena (2012): ‘*Trencadís*: do catalão *trencat* – em português “quebrado”; pedaços irregulares de cerâmica ou materiais como louça e outros fragmentos



3. METODOLOGIA

Para o encaminhamento metodológico deste trabalho, entende-se que a melhor forma para a compreensão é a pesquisa bibliográfica por fazer um resgate de parte da historiografia da arquitetura, segundo Severino (2007, p. 106) “aquela que se realizam a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas”.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O quadro abaixo apresenta a síntese das características e relaciona com a simbologia de cada. Essa síntese foi elaborada de modo a auxiliar na análise a ser desenvolvida em posterior pesquisa.

Quadro 1 – Síntese dos elementos simbólicos

Correlato	Características	Simbologia
Arquitetura indígena	A arquitetura indígena era produzida conforme a disponibilidade de matéria para fabricação das peças e conjuntos arquitetônicos, bem como adequando a realidade local às necessidades da tribo (MOREIRA, 2019).	utilização do bambu como elemento decorativo e também de vedação (MEIRELLES e OSSE, 2010, p. 06).
Arquitetura maia e asteca	Usa a arquitetura como meio de adoração e culto aos deuses, demonstração de poder e também foram exemplos nas questões urbanísticas e organizacionais de suas cidades. Principal matéria prima utilizada é a pedra talhada. (COLE, 2009, p.76).	Os templos altos demonstram poder pela grandiosidade e por estar mais “perto” de seus deuses, em especial o deus do sol (COLE, 2009, p.76).
Arquitetura Romana	Grandes construtores e urbanistas. Destacam-se por fornecer infraestrutura completa nas cidades, bem como a inovação do sistema construtivo de arcos e a primeira civilização a empregar, de fato, o concreto em suas obras (COLE, 2009, p. 126).	Simboliza grandiosidade de um império pela escala de suas construções (GLANCEY, 2007, p. 32).



Arquitetura Islâmica ou Mourisca	Marcados pelo uso dos mosaicos e intensas cores em seus projetos, também desenvolveram o uso de arcos ogivais e de ferradura, bem como a estilização de todas as formas e símbolos de sua cultura para adornar o interior de seus edifícios (GLANCEY, 2007, p. 48).	Simbologias culturais a partir de desenhos geométricos ou os grandes mosaicos (GLANCEY, 2007, p. 48).
Arquitetura Gótica	O emprego dos arcos ogivais permitiu as igrejas, então, se tornarem grandiosas catedrais, o que permitiu elevar a altura das cúpulas e fazer com que o peso da estrutura fosse descarregado de forma igual (FREITAS, 2013, p. 205).	Utilização de torres e agulhas tal verticalidade representa a aproximação com o céu, com Deus (FREITAS, 2013, p. 206).
Arquitetura Germânica	O emprego do enxaimel também tem propriedades similares, onde basicamente esta estrutura está conectada entre si, como uma espécie de treliça, segurando o material usado para a parede e pode ter vários significados e representações conforme seu recorte histórico. (WITTMANN, 2016).	Elementos característicos de uma cultura (WITTMANN, 2016).
Arquitetura de Gaudí	Acreditava que a arquitetura não tinha uma forma a ser seguida e assim buscou fonte de inspiração nas formas da natureza (STOTT, 2020). À vista disso, é evidente que há uma característica muito singular na técnica de Gaudí: o uso dos restos cerâmicos para compor suas obras. A possibilidade de reciclagem de materiais possibilitando novos usos para compor fachadas e interiores, quebrando o paradigma modernista de materiais de alto padrão, compondo uma nova estética, funcionalidade e até mesmo fantasias para suas obras (BALENA, 2012, p. 12).	Multiplicidade de simbologias relacionada aos elementos naturais, analogias a natureza (BALENA, 2012, p. 12).

Fonte: elaboração da autora, 2021.

Ao avaliar o quadro pode-se notar que determinados aspectos dos estilos são agregados na história da arquitetura e de como são adequados para a realidade de cada período em questão e de como as técnicas vão sendo criadas ou até mesmo aprimoradas. Também a questão de utilização dos materiais que se encontravam à disposição do homem para determinado estilo e de como estes foram adaptados e moldados de acordo com a necessidade dos povos em questão.



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve por objetivo compilar de forma sucinta e explicativa sobre a semiótica, conceituando os principais pontos relevantes para a análise arquitetônica a ser feita. Dessa forma, explicita como a arquitetura se apresenta como meio de linguagem e de expressão utilizada pelos seres humanos.

A partir da fundamentação inicial é possível compreender a importância da semiótica não somente para o contexto teórico dos signos, mas também para poder se fazer a leitura das linguagens por completo e poder entender, verdadeiramente, o sentido e o significado das coisas e dos objetos. Não somente para a linguística ou arquitetura, a semiótica é capaz de explicar quase tudo a nossa volta, até mesmo nossos pensamentos, sendo uma ferramenta de conhecimento riquíssima para a compreensão de mundo, culturas e comportamentos.

Partindo disso, entende-se que a arquitetura também é um meio de linguagem, onde os seres humanos, mesmo que não intencionalmente, encontraram para externar o mundo sob seus próprios olhos e conseguiram transformar em obras.

Tem-se então, o resgate histórico dos períodos arquitetônicos. De um panorama geral, pode-se perceber que com o mudar dos períodos as preocupações nunca deixaram de focar no bem-estar do homem, não apenas para a casa estar à disposição dele, mas por agradá-lo visualmente, ao toque, as sensações por elas provocadas, por representar esquemas sociais e até mesmo a vida de alguns povos. A arquitetura é um signo que o homem usa como meio para manifestar suas paixões, medos, experiências, fantasias, vida e morte.

Resgatando a problemática inicial: “qual a simbologia dos elementos arquitetônicos materializados em diferentes períodos (arquitetura indígena brasileira, maia e asteca, romana, gótica, alemã, islâmica e a arquitetura do arquiteto Antoni Gaudí.) da história?” pode-se afirmar que sim, nos períodos históricos houve uma multiplicidade de diferentes simbologias, ligadas as questões culturais e religiosas.

Na arquitetura indígena é possível destacar a tecnologia aplicada ao utilizarem de materiais vegetais para a construção das ocas e de demais habitações. Apesar de suas limitações, também utilizaram do bambu, um material que hoje vem sendo abordado como material de alto rendimento, fácil plantio e menos poluente estudado para aplicação na construção civil: o bambu. Assim, nas



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



civilizações ameríndias, como são chamados os maias e astecas, a arquitetura tem sua função voltadas as questões míticas e de veneração, utilizando de pedras e técnicas de talhas. Demonstram grandes avanços construtivos por serem um povo “primitivo” aos olhos europeus.

Os romanos são um povo que ganha certo destaque em relação aos dois primeiros mencionados, não somente pela sua soberania, mas pelos grandes avanços em questões de infraestrutura, urbanismo e principalmente pela aplicação e avanço prospero do arco. Assim como eles o islâmico também aplica os arcos de ferradura e ogival, e ênfase na riqueza de detalhes, aplicação de cores e significados atribuídos a estes ornamentos. Da mesma forma no gótico, onde o uso dos arcos ogivais permitiu que a estrutura se elevasse dando a possibilidade de belas peles de vidro trouxessem uma nova forma de catequização e cores para dentro do espaço sagrado.

A aplicação do enxaimel também marca a arquitetura germânica, este que é um sistema estrutural, nesta leitura histórica, ganha caráter representativo sendo associado a locais de colonização alemã, sendo um verdadeiro elemento representativo. E, por fim e não mesmo importante, a arquitetura de Gaudí, esta que tem um traço original, muito específico, ao mesmo tempo muito incomum, mas esplendida. Este arquiteto tem um estilo que não se encaixa em nenhum outro, mas que contempla o resgate de um pouco de cada movimento.

REFERÊNCIAS

BALENA, Carla Cristovão. **Mosaicos de Saberes: do fragmento à totalidade**. 2013. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/67633>. Acesso em: 20 maio 2021.

BONFIM, André. **Linguagem e Arquitetura: O problema do conceito**. Disponível em: <https://arquitechne.com/linguagem-e-arquitetura-o-problema-do-conceito/>. Acesso em: 12 maio 2021.

COLE, Emily. **História Ilustrada da Arquitetura**. São Paulo: Publifolha, 2009.

COLIN, Silvio. **Uma Introdução à Arquitetura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Uapê, 2007.

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5 ed. Curitiba, PR: Editora Positivo, 2010. 960 p.



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



DUCCI, Daniel, 2006. **INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA/ BRASIL**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/927142/o-que-podemos-aprender-com-a-arquitetura-indigena>. Acesso em: 15 de maio de 2021

FRACALOSS, Igor. "Clássicos da Arquitetura: Casa Batlló / Antoni Gaudí" 14 Jan 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-17007/classicos-da-arquitetura-casa-batllo-antoni-gaudi> ISSN 0719-8906. Acesso em: 20 Mai 2021.

FREITAS, Eduardo Pacheco. **O desenvolvimento da arquitetura gótica a partir da filosofia escolástica**. Nuntius Antiquus, Minas Gerais, v. 9, n. 2, p. 201-220, 31 dez. 2013. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/1983-3636.9.2.201-220>. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17199/13982. Acesso em: 18 maio 2021.

GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. 3. ed. Londres: Edições Loyola, 2007. 240 p.

LUDWIG, Samuel, 2016. **PARQUE GÜELL**. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/784944/classicos-da-arquitetura-parque-guell-antoni-gaudi?ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em: 15 de maio de 2021

MATOS, L.; PERASSI LUIZ DE SOUSA, R.; AFONSO, S.; SALOMÃO RIBAS GOMEZ, L. **Semiótica peirciana aplicada à leitura da representação arquitetônica**. arq.urb, n. 4, p. 116-140, 6 set. 2010.

MEIRELLES, Célia Regina Moretti; OSSE, Vera Cristina. **A utilização do bambu na arquitetura**: as questões de conforto ambiental e estrutura. as questões de conforto ambiental e estrutura. 2010. Disponível em: https://www.usp.br/nutau/sem_nutau_2010/metodologias/meirelles_celia_regina_moretti.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

MOLOY, C., Jonathan. "Clássicos da Arquitetura: Casa Milà / Antoni Gaudí" [AD Classics: Casa Milà / Antoni Gaudí] 23 Nov 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Souza, Eduardo). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/799966/classicos-da-arquitetura-casa-mila-antoni-gaudi>. Acesso em: 20 Mai 2021.

MOREIRA, Susanna. **O que podemos aprender com a arquitetura indígena?** 2019. Atualizado em abril de 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/927142/o-que-podemos-aprender-com-a-arquitetura-indigena>. Acesso em: 13 maio 2021.



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



NAJA, Ramzi. **"Clássicos da Arquitetura: Parque Güell / Antoni Gaudí"** [AD Classics: Parc Güell / Antoni Gaudí] 06 Abr 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Souza, Eduardo). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/784944/classicos-da-arquitetura-parque-guell-antoni-gaudi>. Acessado 19 Mai 2021.

NOVAK, Franciele Isabelita Lopes; BRANDT, Celia Finck. **A semiótica de Peirce e Saussure, contributos e limites para a teoria das representações semióticas de Raymond Duval e a análise da forma e conteúdo em matemática**. Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 1-15, 18 abr. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1981-1322.2017v12n2p1>

OLDONI, Sirlei. **Imagens de acervo pessoal da autora**. 2016.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução à História da Arquitetura**. São Paulo: Bookman, 2009. 384 p. Tradução de Alexandre Salvaterra.

POLON, Paulo Henrique Heitor. **A construção do patrimônio cultural em Marechal Cândido Rondon-PR a partir dos imaginários acerca do lugar de memória "Casa Gasa"**. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Centro de Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2013. Disponível em: http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2542/1/Paulo_Polon_2013.pdf. Acesso em: 06 mar. 2021.

RODRIGUES, Cassiano Terra. **Teoria Geral e Filosofia do Direito**. São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2017. 87 p. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/58/edicao-1/peirce,-charles-sanders>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

STOTT, Rory. **"Antoni Gaudí, simbiose da forma e da técnica"** [Spotlight: Antoni Gaudí] 25 Jun 2020. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/942390/antoni-gaudi-simbiose-da-forma-e-da-tecnica>. Acesso 19 maio 2021

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



VOGT, Carlos. Finalmente Peirce. **Revista de Administração de Empresas**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 27-36, jun. 1973. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-75901973000200002>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901973000200002#:~:text=Segundo%20Peirce%2C%20%22um%20signo%2C,talvez%20um%20signo%20melhor%20desenvolvido%22. Acesso em: 10 maio 2021.

VOLLI, Ugo. **Manual da Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. **Paisagens sígnicas**: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas. Sal: Edufba, 2010.

WITTMANN, Angelina. **Fachwerk**: a técnica construtiva enxaimel. a técnica construtiva enxaimel. 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/16.187/6131>. Acesso em: 18 maio 2021.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.